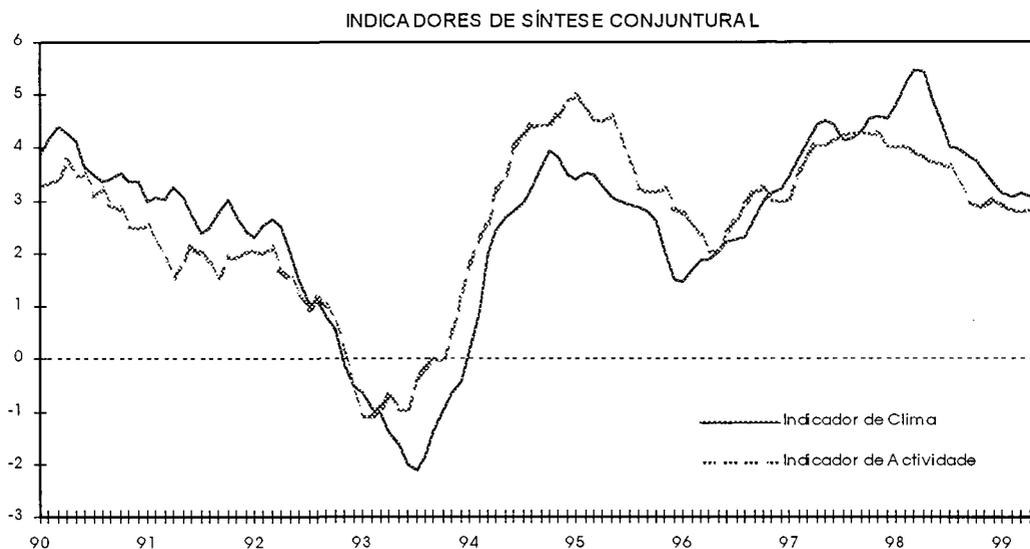




SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Maio de 1999



O ritmo de crescimento do PIB na UE desceu para cerca de 1,6 por cento durante o primeiro trimestre de 1999, contrastando com a subida de 3,9 por cento da economia norte-americana. Este comportamento divergente manteve-se até ao final de Maio, tendo em conta a informação disponível. No entanto, a conjuntura internacional apresenta alguns sinais de mudança que sugerem que a economia japonesa está à beira de sair da recessão e que as restantes economias asiáticas estão a consolidar a sua retoma. Esta viragem na conjuntura internacional, em simultâneo com a depreciação do Euro, está a estimular as encomendas dirigidas às empresas da UE, que se revelam actualmente mais confiantes na evolução das exportações. Este estímulo externo, conjugado com os baixos níveis da inflação e das taxas de juro, poderá permitir uma reanimação da economia da UE durante o segundo semestre.

Uma maior confiança na envolvente externa foi também visível nas apreciações dos industriais portugueses durante os meses de Abril e Maio. De facto, embora as exportações tenham caído durante o primeiro trimestre do corrente ano, à semelhança do verificado no quarto trimestre de 1998, os industriais prevêem uma evolução mais favorável das suas vendas ao exterior durante os próximos meses. É de referir que as vendas para a UE mantiveram uma evolução positiva, embora fraca, até ao final de Março e que a evolução negativa das exportações ficou a dever-se à forte quebra registada nos mercados extra-comunitários. Esta viragem na procura externa e a reanimação das encomendas públicas dirigidas à construção civil constituem os principais elementos inovadores da conjuntura nacional e poderão conduzir a um andamento mais vivo da actividade económica até ao final do ano.

O crescimento económico abrandou ao longo de 1998 e durante o primeiro trimestre de 1999, mantendo-se, no entanto, sempre bastante positivo, e ter-se-á situado muito próximo de 3 por cento durante os primeiros cinco meses do ano. Para o abrandamento registado tinham contribuído significativamente a desaceleração da procura externa e das obras públicas. A procura interna tem sido decisiva na manutenção de um crescimento positivo, com os sectores dos serviços e da construção de habitações a revelarem uma evolução muito forte. A actividade hoteleira apresenta também um andamento positivo mas em desaceleração face ao apurado ao longo do ano passado. Por sua vez, a indústria terá mantido um comportamento negativo até ao final de Maio, sendo penalizada pelo retrocesso da procura externa.

O investimento das empresas evoluiu fortemente até ao final de Maio, como se depreende das evoluções do crédito concedido com essa finalidade às empresas e das vendas de máquinas e de veículos comerciais. O mesmo sucedeu com a aquisição de habitações e com as restantes despesas das famílias, tendo o indicador de confiança dos consumidores e as suas apreciações acerca da sua situação financeira mantido níveis favoráveis até ao final de Maio.

O número de desempregados inscritos desceu até ao final de Maio, enquanto os salários nominais contratados registavam uma subida anualizada de 3,6 por cento durante o trimestre terminado nesse mês. Por sua vez, a percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor desceu para 2,3 por cento em Maio, convergindo com a tendência de fundo da inflação. A queda da inflação beneficiou de descidas dos preços de alguns bens alimentares e dos produtos do vestuário e do calçado.

Catálogo recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,
1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000 LISBOA
Telefone: (01) 847 00 50
Fax: (01) 847 85 78

Composição

INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão

INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legaln.º 117748/97

Preço: 480\$00 (IVA incluído)
2.39 €

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos - Área Económica

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

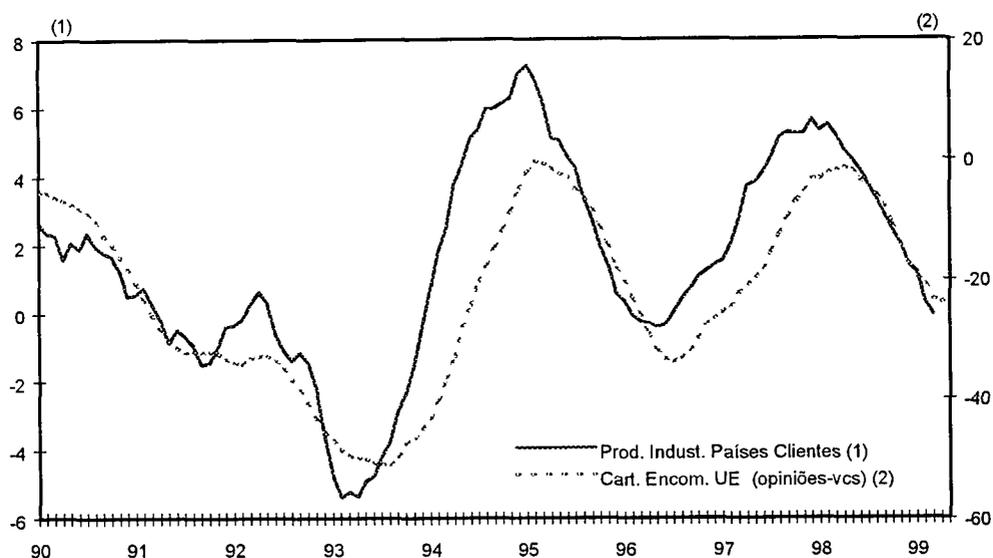
O INE na Internet
<http://www.ine.pt>

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

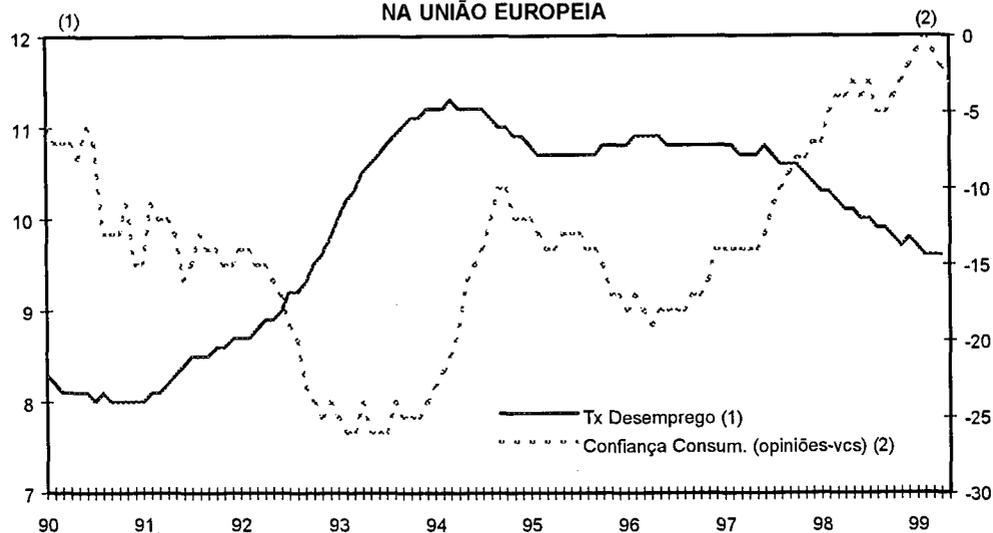
MAIO DE 1999

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	3.4	2.9	2.8	2.4	1.9	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	5.2	4.2	2.8	1.4	-0.1	-0.1	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-2	-3	-8	-18	-23	-26	-23	-21
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-5	-4	-4	-3	-1	-1	-2	-3
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.3	10.1	9.9	9.8	9.6	9.6	9.6	-
Preços no Consum.na UE (ind.mensal harmonizado)	1.3	1.6	1.3	1.0	1.0	1.2	1.2	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	0.7	0.1	-0.7	-1.6	-1.9	-1.9	-1.7	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-11.0	-21.6	-21.1	-18.3	-16.9	-16.9	-17.1	-15.2

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

A actividade económica dos principais países clientes de Portugal registou um novo abrandamento durante o primeiro trimestre. Esta tendência resultou do comportamento da economia da UE, uma vez que o crescimento dos Estados Unidos se manteve forte e sustentado. Este panorama conjuntural prolongou-se até ao final de Maio.

O PIB da UE terá registado um crescimento homólogo de apenas 1,6 por cento durante o primeiro trimestre de 1999, segundo as primeiras estimativas divulgadas pelo Eurostat. Este andamento resultou sobretudo do contributo negativo da procura externa, tendo a procura interna de bens de investimento e de consumo mantido uma evolução positiva e relativamente estável. A Alemanha, a Itália e o Reino Unido foram as economias da UE com uma evolução mais fraca. No entanto, a economia dos Estados Unidos registou um crescimento muito forte e estável durante os cinco primeiros meses do ano, visível no baixo nível da taxa de desemprego e na evolução de diversos indicadores da procura.

A conjuntura internacional está a viver um momento de viragem, com sinais de saída da recessão na economia japonesa e de retoma nas restantes economias asiáticas e com os industriais europeus a revelarem-se um pouco mais optimistas na avaliação da sua carteira de encomendas externa. É de salientar que o PIB japonês estabilizou, face ao período homólogo durante o primeiro trimestre, após descidas significativas em períodos anteriores. Esta mudança na conjuntura poderá vir a possibilitar uma recuperação da economia da UE ao longo do segundo semestre.

O sector industrial continua a apresentar uma evolução muito fraca. De facto, o índice de produção dos países clientes de Portugal estagnou durante o primeiro trimestre e deverá ter mantido esta tendência até ao final de Maio. Durante os cinco primeiros meses do ano, a produção industrial registou nos Estados Unidos uma subida homóloga próxima de 1,8 por cento mas a da UE terá conhecido uma ligeira descida e a indústria japonesa continuado em recessão.

O valor das exportações diminuiu durante o primeiro trimestre tanto nos Estados Unidos como na

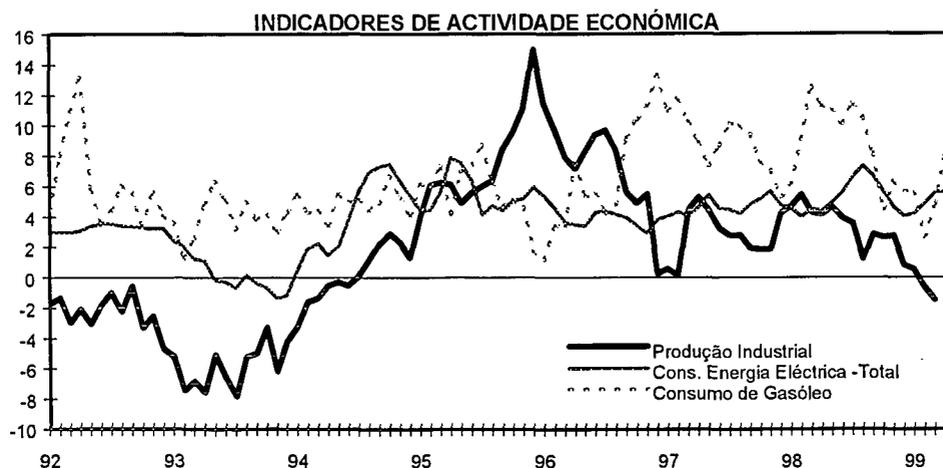
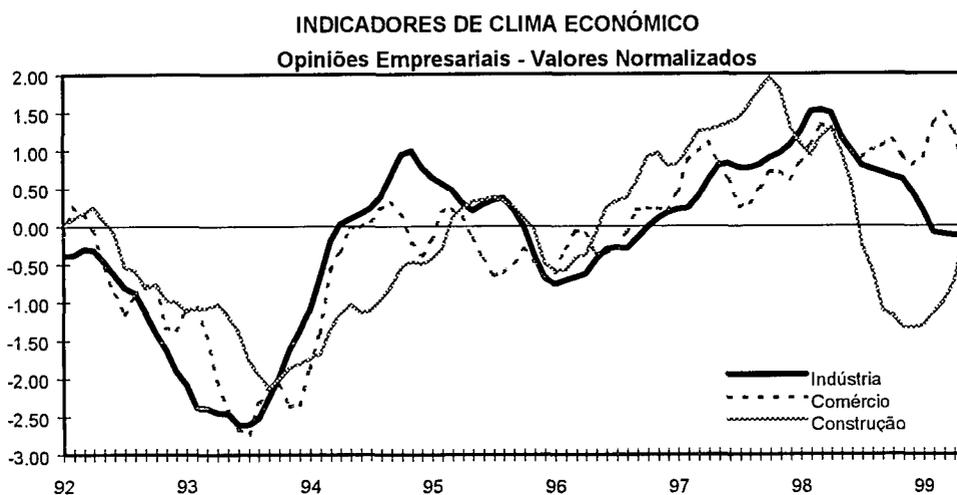
generalidade dos países da UE. No entanto, as opiniões empresariais apontam para uma progressiva recuperação das exportações da UE ao longo dos próximos meses. A descida do Euro e a recuperação asiática estarão a dinamizar a entrada de novas encomendas. Esta reanimação das exportações poderá vir a permitir uma recuperação da produção da indústria da UE durante o segundo semestre.

A procura interna na UE manteve uma evolução favorável até ao final de Maio, como se depreende da evolução do indicador de confiança dos consumidores e da taxa de desemprego. Apesar de um ligeiro retrocesso durante os últimos meses, o indicador de confiança dos consumidores europeus manteve um nível bastante favorável até ao final de Maio e a taxa de desemprego da UE manteve-se estável. A procura interna dos Estados Unidos apresenta um dinamismo muito mais acentuado, com a confiança dos consumidores a manter-se forte e estável e com o índice de volume de vendas no comércio a retalho a conhecer uma subida homóloga média de cerca de 8 por cento durante os cinco primeiros meses do ano. Por sua vez, a taxa de desemprego dos Estados Unidos desceu para apenas 4,2 por cento em Maio.

A inflação permaneceu muito baixa em Maio, tendo a percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor descido para 2,1 por cento nos Estados Unidos, enquanto que a mesma medida do índice harmonizado da UE não deverá ter ultrapassado 1,1 por cento. Este comportamento da inflação permite a manutenção de taxas de juro baixas, constituindo um importante suporte da reanimação da conjuntura internacional, particularmente na UE.

Os preços das matérias primas não energéticas continuam em queda, contribuindo para o andamento favorável da inflação.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	5.4	4.5	3.8	3.3	3.1	3.1	3.1	2.9
Indicador da Actividade Económica	3.9	3.7	3.0	3.0	2.8	2.8	2.8	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	3.5	2.7	2.5	0.7	-0.9	-0.9	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	11.6	6.8	4.9	1.1	-1.6	-1.6	-	-
Proc.Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-1	-6	-11	-15	-18	-18	-15	-15
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	11.1	12.8	9.1	10.7	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.52	0.99	0.70	0.44	-0.11	-0.11	-0.13	-0.15
Indicador de Clima na Construção(opiniões-v.norm.)	1.19	0.56	-1.11	-1.33	-0.99	-0.99	-0.72	-0.13
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	1.34	1.00	1.05	0.80	1.48	1.48	1.24	0.75
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	58.1	59.9	61.3	55.3	58.4	58.4	-	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	4.5	5.6	6.7	4.0	5.6	5.6	5.5	5.1
Consumo de Gasóleo	12.5	10.1	8.1	5.7	4.7	4.7	8.0	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	7.6	1.6	3.8	-3.8	-5.3	-5.3	-4.5	-



ACTIVIDADE ECONÓMICA

A actividade económica manteve um ritmo de crescimento próximo de 3 por cento até ao final de Maio. A indústria transformadora é o sector que apresenta evoluções mais desfavoráveis, registando-se também durante os últimos meses uma reanimação da actividade nas obras públicas.

O indicador de actividade económica apresentou uma subida homóloga de cerca 2,8 por cento durante o trimestre terminado em Abril, uma evolução idêntica à verificada no final de Março. Por sua vez, o indicador de clima económico cresceu 2,9 por cento durante o trimestre terminado em Maio, depois de ter aumentado 3,1 por cento durante o primeiro trimestre de 1999. A análise conjunta destes dois indicadores sugere que a economia portuguesa, apesar de apresentar um dinamismo inferior ao verificado ao longo de 1998, registou ainda durante os cinco primeiros meses do ano um ritmo de crescimento bastante favorável e próximo de 3 por cento.

O consumo de energia sugere igualmente uma evolução muito positiva da economia portuguesa até ao final de Maio. Assim, o consumo de energia eléctrica, corrigido dos efeitos da temperatura e do número de dias úteis, conheceu uma subida homóloga de 5,1 por cento durante o trimestre terminado em Maio, após um aumento de 5,6 por cento durante o primeiro trimestre. Por sua vez, o consumo de gás cresceu 8 por cento durante o trimestre terminado em Abril, recuperando face a evoluções menos intensas de meses anteriores.

A actividade dos diferentes sectores regista comportamentos bastante diferenciados. De facto, o índice de produção da indústria transformadora apresentou uma descida homóloga de 0,9 por cento durante o primeiro trimestre, enquanto o índice de volume de negócios descia 1,6 por cento. Os inquéritos de opinião revelam que a actividade neste sector se manteve muito fraca até ao final de Maio.

Por sua vez, a actividade hoteleira apresentou uma evolução positiva durante os últimos meses, embora bastante mais fraca do que a verificada durante o ano passado. Em sentido inverso tem vindo a evoluir a produção nas obras públicas que, depois de ter

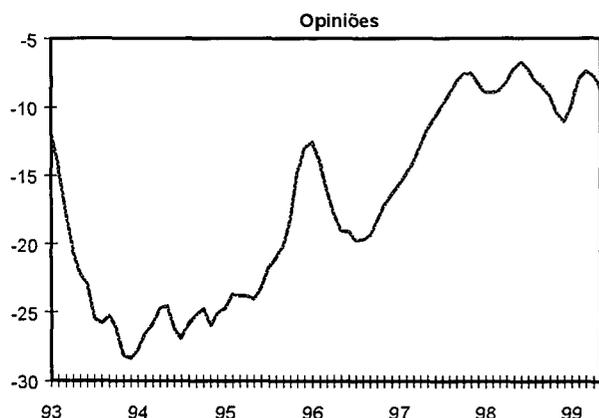
enfraquecido significativamente em 1998, evidenciou uma importante reanimação desde o início do ano. A recuperação deste sector é referenciada, entre Janeiro e Maio, tanto pelas subidas dos valores das adjudicações e dos concursos abertos como pelas apreciações empresariais. Mais forte e estável se mantém a actividade no comércio, como se depreende da evolução do indicador de clima sectorial e do andamento da procura interna de diferentes bens.

O ritmo de crescimento económico continuou a ser suficiente para produzir uma diminuição do desemprego até ao final de Maio, consolidando-se uma das principais características da actual fase do crescimento económico.

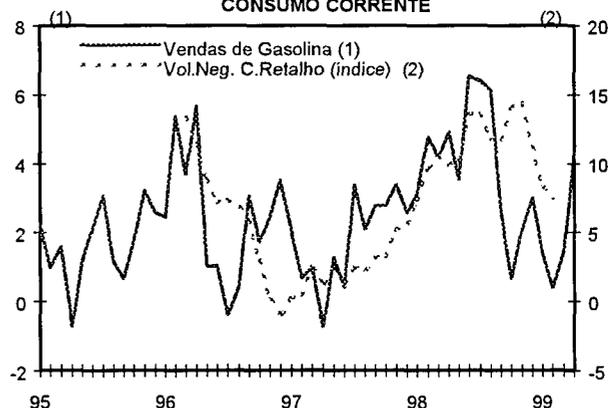
A economia portuguesa poderá conhecer durante o segundo semestre do corrente ano uma conjuntura um pouco mais favorável, sobretudo na indústria, acompanhando a esperada reanimação da actividade no conjunto da UE e a recuperação económica na Ásia. De facto, as empresas revelaram-se durante os meses de Abril e Maio um pouco menos pessimistas na avaliação da sua carteira de encomendas externa, o que faz prever uma melhoria das exportações durante a segunda metade do ano. Os resultados do comércio internacional revelam que as exportações caíram durante os primeiros três meses do ano, contribuindo significativamente para a evolução desfavorável da actividade industrial. Esta perspectiva de reanimação económica na UE ao longo do segundo semestre é partilhada pelas diferentes instituições internacionais especializadas na previsão económica. O conjunto destas previsões aponta para que em 1999 o crescimento em Portugal venha a situar-se próximo de 3,2 por cento.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
CONSUMO PÚBLICO	8.1	7.9	5.7	9.2	9.3	9.3	11.3	-
Despesas com Pessoal	8.9	8.3	7.3	9.7	9.5	9.5	10.6	-
Despesas com Bens e Serviços	-3.6	3.8	-6.5	7.1	7.4	7.4	18.7	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-8	-6	-5	-6	-4	-4	-5	-6
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-9	-7	-8	-11	-7	-7	-8	-9
Crédito ao Consumo (tvh-Euros)	17.9	18.0	18.9	23.0	18.3	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	18.9	22.6	21.7	22.1	19.6	19.6	18.9	19.3
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-11	-9	-9	-9	-10	-10	-13	-16
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com.Retalho B.Cons.Corr. (opiniões)	0	2	6	6	12	12	3	1
Vol.Negócios no C.Retalho B.Cons.Corr.(índice)	10.6	13.6	11.7	11.2	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	8.4	13.3	9.8	7.8	8.5	8.5	7.6	-
Vendas de Gasolina	4.2	6.5	2.6	3.0	1.4	1.4	4.2	-
Dormidas na Hotelaria	3.3	9.5	8.9	5.9	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com.Retalho B.Durad. (opiniões)	-8	4	-16	-20	17	17	33	31
Vol.Negócios no C.Retalho B.Dur.(índice s/Autom.)	13.0	14.3	7.2	9.9	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	5.3	21.3	23.3	22.5	35.1	35.1	29.3	19.7
Matriculas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	6.3	11.0	11.7	24.5	23.3	23.3	30.1	14.5
Vol. de Negócios da Indústria Mobiliário (índice)	10.5	8.7	1.9	-8.2	4.2	4.2	-	-

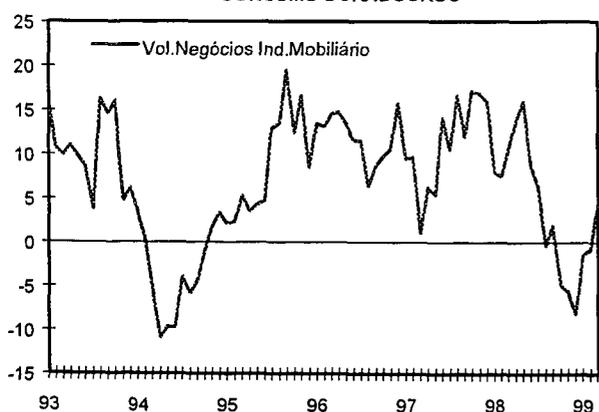
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



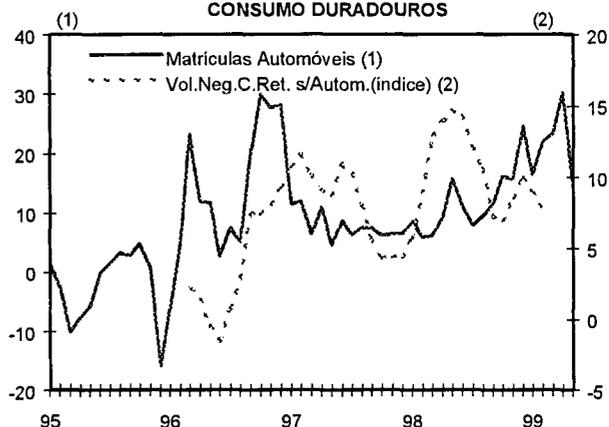
PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO CORRENTE



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores recuou ligeiramente durante o trimestre terminado em Maio. A procura interna de bens de consumo abrandou um pouco, verificando-se um menor dinamismo de alguns indicadores da procura de bens de consumo corrente e um crescimento menos forte das vendas de automóveis.

O indicador de confiança dos consumidores mantém um nível elevado, embora tivesse recuado ligeiramente durante o trimestre terminado em Maio. A procura interna de bens de consumo conheceu também uma evolução um pouco menos intensa ao longo deste período. Também as importações de bens de consumo (excluindo automóveis) desaceleraram durante o primeiro trimestre, tendo o seu valor conhecido uma subida homóloga de 6,3 por cento.

O abrandamento do consumo poderá estar associado a um menor recurso ao crédito por parte das famílias. Assim, enquanto as apreciações dos consumidores sobre a evolução da sua situação financeira se mantêm relativamente estáveis, a variação homóloga do crédito a particulares para outros fins, que não a aquisição de habitação, revelou uma desaceleração entre Dezembro e Março últimos, baixando de 23 por cento para 18,3 por cento. De resto, tanto a evolução da economia, como as do emprego e do poder de compra salarial sugerem que o crescimento do rendimento das famílias terá permanecido relativamente estável desde o início do ano.

Apesar de alguma desaceleração, o consumo manteve-se forte, como se conclui da subida homóloga de 19,3 por cento dos montantes das operações da Rede Multibanco durante o trimestre terminado em Maio, após um aumento de 19,6 por cento durante o primeiro trimestre.

O consumo corrente manteve um andamento bastante positivo, com sinais de abrandamento por parte de alguns indicadores.

Assim, o índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado apresentou um crescimento homólogo de 7,5 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, contra 11,2 por cento no quarto trimestre de 1998. É provável que a

procura destes bens tenha continuado a abrandar até ao final de Maio, tendo em conta as apreciações menos favoráveis dos empresários do comércio a retalho daquele tipo de bens acerca do andamento das suas vendas. No entanto, as vendas dos supermercados e hipermercados registaram uma subida homóloga de 7,6 por cento durante o trimestre terminado em Abril, uma evolução semelhante à dos últimos três meses de 1998, e as vendas de gasolina aumentaram 4,2 por cento durante o mesmo período, apresentando um andamento mais positivo do que o de meses anteriores.

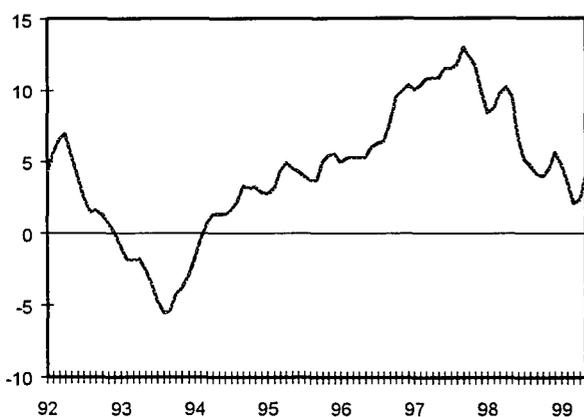
Por sua vez, as dormidas na hotelaria apresentaram uma variação homóloga de 7,8 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, contra 5,9 por cento no quarto trimestre do ano passado. Esta tendência de recuperação deverá ter sido extensiva ao conjunto do primeiro trimestre, tendo em atenção a evolução da taxa de ocupação hoteleira.

A procura de bens duradouros mantém uma evolução muito intensa. Assim, o índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens de consumo duradouros (excluindo automóveis) conheceu uma subida homóloga de 7,8 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, uma evolução próxima da verificada em média durante o segundo semestre de 1998. Esta tendência ter-se-á consolidado até ao final de Maio, pelo que se deduz das apreciações dos empresários do comércio a retalho deste tipo de bens.

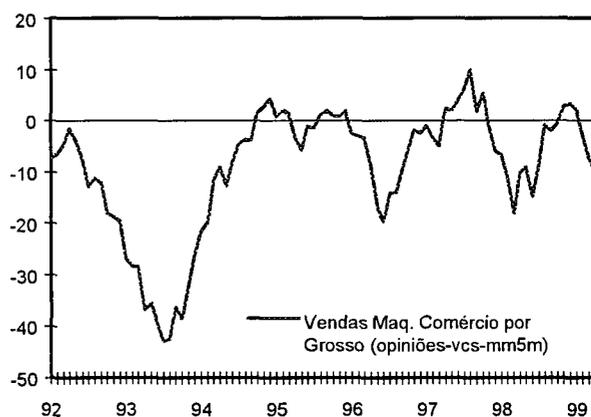
As vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos conheceram um crescimento homólogo de 19,7 por cento ao longo do trimestre terminado em Maio, desacelerando significativamente face à evolução apurada durante o primeiro trimestre.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	9.8	6.6	4.1	5.6	2.1	2.1	2.4	4.1
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh-Euros)	21.7	25.8	12.3	19.0	20.7	X	X	X
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	10.0	-0.2	0.2	9.9	-0.6	-0.6	2.6	3.2
Vendas de Varão para Betão	3.7	-14.6	-5.3	18.5	11.4	11.4	1.5	-0.9
Prod. Indust. de Barro p/Construção (índice-tvh)	6.8	-0.7	3.0	13.3	12.1	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-17	-16	-28	-35	-34	-33	-35	-29
Adjudic. Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	31.9	-0.1	-6.1	-49.7	-42.6	-42.6	-40.1	-39.6
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	51.7	53.7	59.3	40.0	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	17.9	8.5	9.8	16.2	13.4	13.4	11.8	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-13	-10	10	-1	-14	-14	-24	-27
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	14.7	2.4	6.9	21.3	-0.7	-0.7	0.6	8.3
Matrículas de Veic. Comerciais Pesados Novos	40.2	10.7	-6.8	19.3	7.8	7.8	17.4	14.3

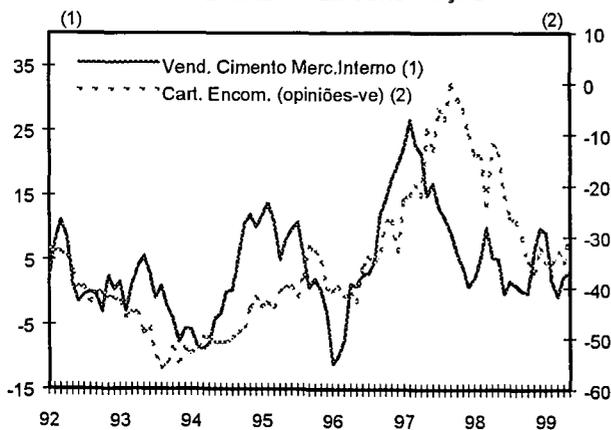
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



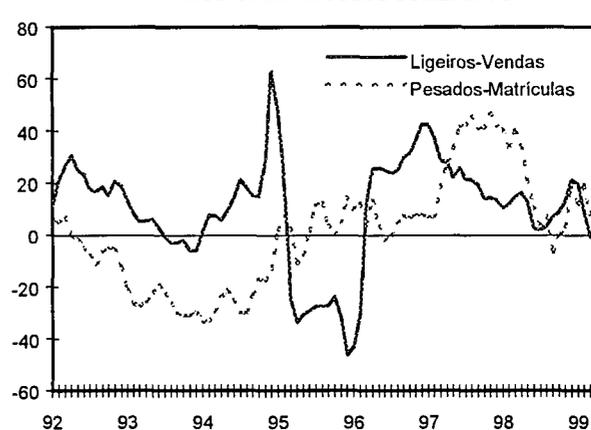
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O ritmo de crescimento do investimento melhorou ao longo do trimestre terminado em Maio. Esta tendência de recuperação foi visível nas vendas de veículos comerciais e nas novas encomendas de obras públicas, enquanto a componente de investimento em máquinas e equipamentos abrandava.

O indicador coincidente do investimento conheceu um crescimento homólogo de 4,1 por cento ao longo do trimestre terminado em Maio, recuperando face ao andamento do primeiro trimestre. O comportamento mais favorável do indicador global resultou do maior dinamismo do investimento em veículos comerciais ligeiros e de um andamento um pouco mais favorável do investimento global em construção, enquanto o crescimento da componente de máquinas continuava a abrandar.

De facto, as opiniões dos empresários do comércio do subsector grossista de máquinas e equipamentos acerca da evolução das suas vendas continuaram a sugerir uma perda de dinamismo da procura interna deste tipo de bens durante o trimestre terminado em Maio. Esta desaceleração deverá continuar a ser feita em torno de taxas de crescimento positivas, tendo em conta que o valor das importações de bens de equipamento (excluindo material de transporte) apresentou uma subida homóloga de 11,1 por cento durante o primeiro trimestre de 1999.

De resto, o conjunto do investimento empresarial ter-se-á mantido bastante positivo desde o início do ano, dado que o crescimento homólogo do crédito ao investimento das empresas não financeiras se situou em 20,7 por cento no final de Março de 1999. Esta evolução é muito próxima da verificada no último trimestre do ano transacto.

No mesmo sentido aponta a evolução das vendas de veículos comerciais novos ao longo do trimestre terminado em Maio, que registaram uma variação homóloga de 8,3 por cento na componente de ligeiros e de 14,3 por cento na de pesados.

O investimento global em construção manifestou sinais de recuperação, como se pode concluir das vendas de materiais de construção e das opiniões dos

empresários do sector. Assim, as vendas de cimento aumentaram 3,2 por cento durante o trimestre terminado em Maio, enquanto o índice de produção industrial de barro para construção apresentava uma variação homóloga de 12,1 por cento durante o primeiro trimestre. O clima na construção recuperou também até ao final de Maio, facto a que não será estranha a reanimação das novas encomendas públicas dirigidas ao sector.

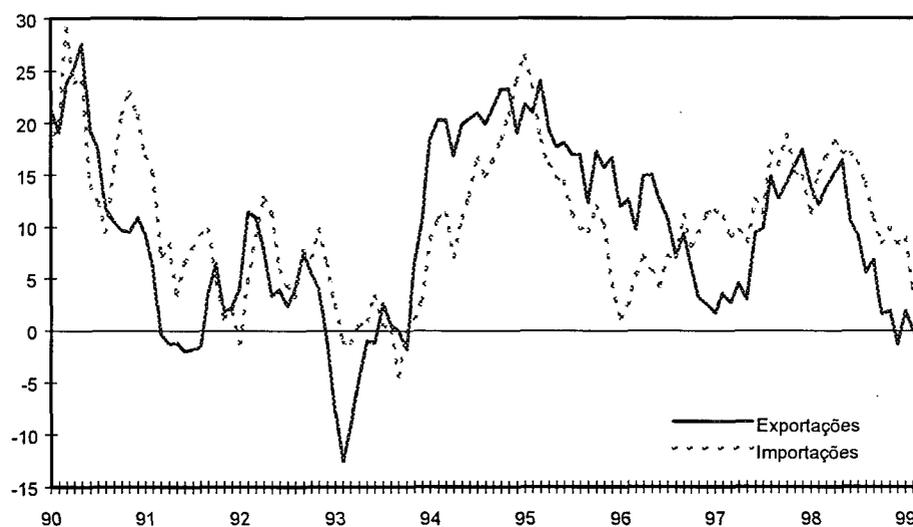
Assim, entre Janeiro e Maio, o valor das adjudicações estabilizou, em termos homólogos, após ter caído 49,7 por cento em 1998, enquanto o valor dos concursos abertos aumentava 62,2 por cento.

O mercado de habitação continuou a revelar-se como o segmento mais dinâmico da actividade de construção. Tanto a procura de habitações como as intenções de construção dos empresários se mantêm muito fortes. O crédito concedido para a compra de habitação registava no final de Março uma subida homóloga de 36,5 por cento e as apreciações dos empresários inquiridos pela AECOPS relativamente à evolução da sua venda de fogos manteve um nível médio muito favorável durante o trimestre terminado em Maio. No entanto, o saldo destas apreciações tem vindo a enfraquecer, sugerindo um abrandamento do ritmo de crescimento das vendas de habitações.

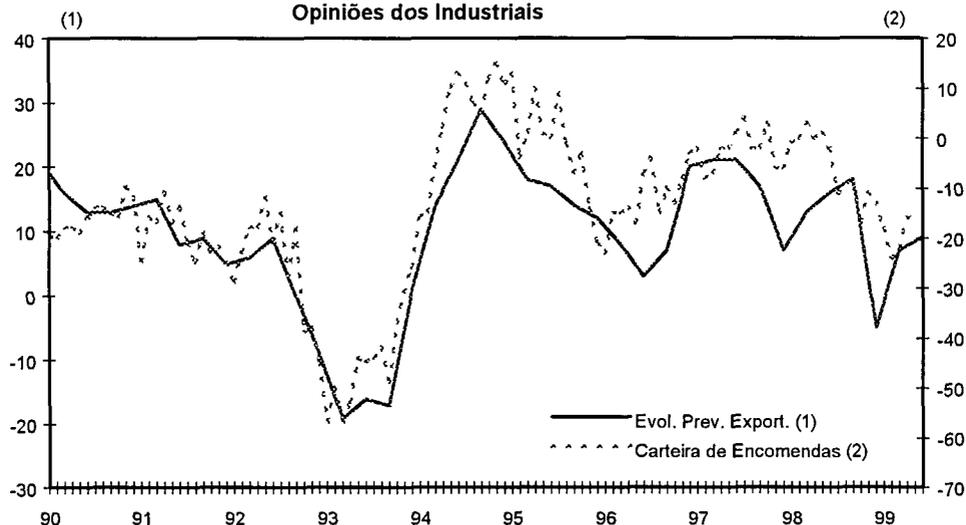
Por sua vez, o número de licenças emitidas para a construção de novos fogos teve uma subida homóloga de 13,5 por cento durante o trimestre terminado em Abril.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (Euros)	8.4	4.8	0.2	-0.2	-	-0.2	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	10.7	6.8	-1.3	-1.3	-	-1.3	-	-
Intra-União Europeia	13.0	9.1	1.7	2.4	-	2.4	-	-
Extra-União Europeia	0.7	-2.2	-13.7	-17.9	-	-17.9	-16.0	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	8.8	9.5	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	0	-10	-14	-21	-	-22	-16	-16
Evol. Prevista das Export. (opiniões-vcs-valor trim.)	16	18	-5	7	9	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	17.0	10.8	8.2	4.0	-	4.0	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	17.2	15.7	-	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	65.7	63.7	63.3	63.1	-	63.1	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA
Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

O valor das exportações voltou a cair durante o primeiro trimestre de 1999, devido a uma forte descida das vendas nos mercados extra-comunitários. O ritmo de crescimento das importações abrandou significativamente, por causa da acentuada diminuição das importações de combustíveis e de bens intermédios.

O valor das exportações de mercadorias portuguesas apresentou uma descida homóloga de 1,3 por cento durante o primeiro trimestre, uma evolução idêntica à observada ao longo do quarto trimestre do ano passado. Este andamento das exportações acompanhou o comportamento da procura no exterior, uma vez que o valor em Euros das importações dos principais parceiros económicos de Portugal teve uma descida homóloga de 0,2 por cento durante o primeiro trimestre deste ano, depois de ter estagnado durante o último trimestre de 1998.

Esta conjuntura poderá sofrer uma inversão ao longo dos próximos meses, uma vez que em Abril e Maio se registou uma recuperação das apreciações dos industriais portugueses acerca da carteira de encomendas externa. É de salientar que esta recuperação foi igualmente verificada no mesmo período na generalidade dos países da UE.

A descida das exportações durante o primeiro trimestre foi motivada por uma forte quebra das vendas para os mercados extra-comunitários. De facto, o valor das exportações com este destino apresentou descidas homólogas de 16 por cento durante o trimestre terminado em Abril e de 17,9 por cento durante o primeiro trimestre. As vendas para o Japão e para os PALOP caíram mais de 30 por cento entre Janeiro a Abril, enquanto as destinadas aos EUA e à EFTA registavam descidas menos acentuadas, de, respectivamente, 3 por cento e 10,7 por cento.

Por sua vez, o ritmo de crescimento das exportações para a UE manteve-se positivo, embora muito fraco. A percentagem de variação homóloga destas vendas foi de apenas 2,4 por cento durante o primeiro trimestre de 1999, depois de não ter ido além de 1,7 por cento no quarto trimestre do ano passado. As exportações apresentaram uma evolução

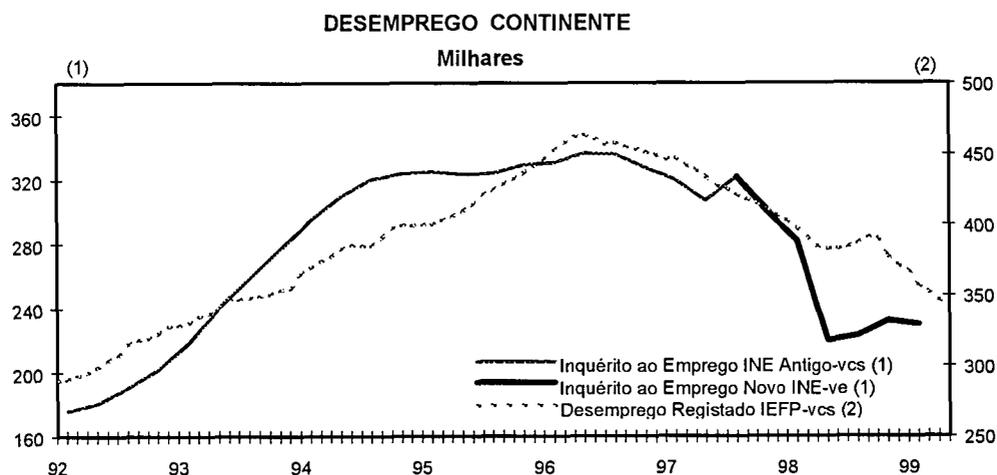
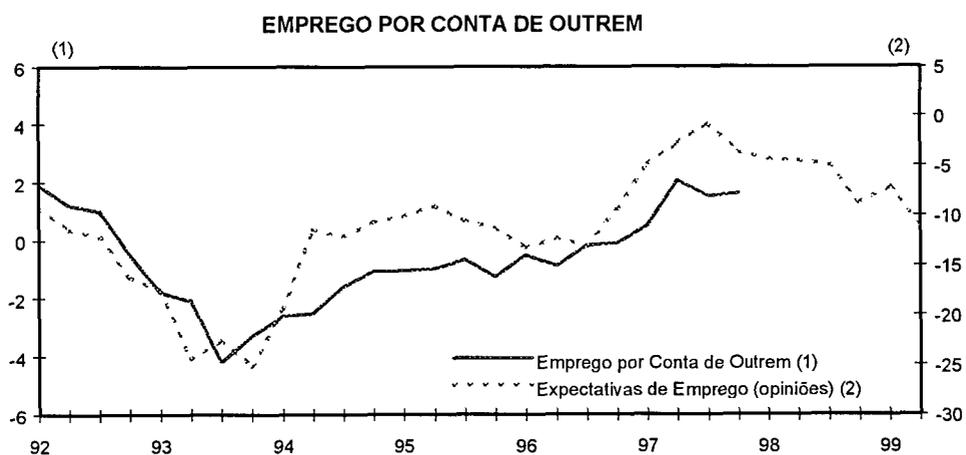
razoavelmente positiva nos mercados espanhol, francês, alemão e belga, e conheceram descidas significativas nos mercados britânico, italiano, holandês, sueco e dinamarquês.

As exportações de metais comuns, máquinas e aparelhos, plásticos e borracha, calçado e produtos alimentares registaram evoluções positivas nos mercados comunitários, enquanto as de material de transporte, minerais e minérios, têxteis, papel e celulose e produtos químicos apresentavam descidas significativas.

O ritmo de crescimento das importações abrandou durante o primeiro trimestre de 1999, tendo a percentagem de variação homóloga baixado para 4 por cento, contra 8,2 por cento no trimestre anterior. Esta queda das importações centrou-se, em grande parte, nos combustíveis e nos produtos intermédios primários, que sofreram descidas homólogas de, respectivamente, 18,3 por cento e 19,5 por cento. A diminuição do valor destas importações deve-se a um efeito-preço, resultante da quebra acentuada dos preços das matérias-primas nos mercados internacionais, embora no segundo caso haja também um efeito-quantidade. Este último efeito está associado à evolução negativa da produção industrial, sendo também responsável pela diminuição de 4,3 por cento do valor das importações de bens intermédios transformados.

Inversamente, o dinamismo da procura interna fez com que o valor das importações conjuntas de bens de consumo e de equipamento tivesse registado uma subida homóloga de 13,9 por cento. A procura interna de material de transporte foi a que teve maior impacto, tendo as importações destes bens aumentado 27 por cento, enquanto as de máquinas subiam 11,1 por cento e as de bens de consumo não alimentar (excluindo material de transporte) cresciam 6,7 por cento.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO - INE (Continente)								
Emprego Total (tvh)	-	2.8	2.2	2.5	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-	-0.6	-3.0	-0.4	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	-	6.6	9.7	7.9	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-	4.3	5.0	4.5	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-	3.7	4.0	4.1	-	X	X	X
Indicador de Expectat.de Emprego (opiniões-ve)	-5	-5	-9	-7	-11	X	X	X
DESEMPREGO - INE (Continente - ve)								
Total (milhares)	219.8	223.1	232.1	230.0	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	4.6	4.7	4.9	4.8	-	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	395.3	405.9	385.8	364.4	-	364.4	357.7	355.6
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	33.7	34.0	34.5	34.5	-	34.5	34.2	34.8
DESEMPREGO - EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	21	19	24	19	-	19	16	15
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.3	3.3	3.1	3.2	-	3.2	3.8	3.6



EMPREGO E SALÁRIOS

O mercado de emprego manteve uma evolução positiva até ao final de Maio, o que conduziu a uma nova descida do desemprego. Esta tendência do mercado de emprego foi evidenciada tanto pela subida das ofertas nos centros de emprego como pelas opiniões empresariais.

O número de desempregados inscritos nos centros de emprego voltou a diminuir em Maio, tanto face ao período homólogo como face aos meses precedentes. Na verdade, este número, corrigido dos efeitos sazonais, foi em Maio o mais baixo desde o final de 1993 e situou-se 10,1 por cento aquém do período homólogo de 1998. Por isso, é provável que a taxa de desemprego, que se situou em 4,7 por cento durante o primeiro trimestre, volte a descer durante o segundo trimestre.

A descida do número de desempregados inscritos foi acompanhada por expectativas mais optimistas dos consumidores relativamente à evolução do desemprego. Assim, o saldo das expectativas dos representantes das famílias inquiridos pelo INE quanto à evolução do desemprego apresentou durante os meses de Abril e Maio o nível mais baixo dos últimos meses.

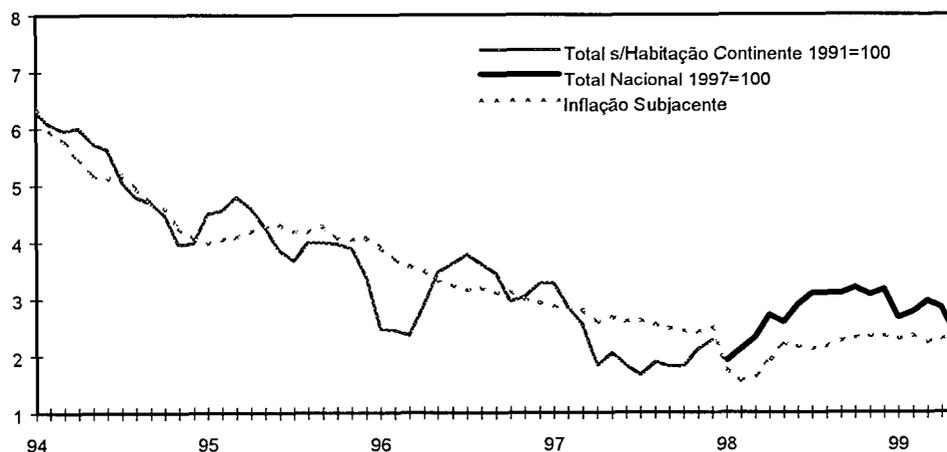
A descida do desemprego resultou de uma evolução positiva do mercado de emprego. De facto, embora o número de novos desempregados inscritos tivesse permanecido elevado e superior ao período homólogo, as ofertas de emprego revelaram um dinamismo suficiente para mais do que anular os seus efeitos, tendo o número de novas ofertas de emprego apresentado uma subida homóloga de 7,7 por cento durante o trimestre terminado em Maio. Por sua vez, os empresários do comércio e do sector de prestação de serviços às empresas mantiveram no mesmo período apreciações bastante positivas quanto à evolução do seu volume de emprego, enquanto se verificava uma recuperação destas opiniões no sector da construção. Os sectores da construção e dos serviços deverão continuar a ser os principais responsáveis pela evolução positiva do emprego, à semelhança do já verificado ao longo do ano passado.

Analisando os fluxos das inscrições de desempregados nos centros de emprego, conclui-se que a sua principal componente continua a ser a de pessoas que cessaram contratos de trabalho temporários. O número, corrigido da sazonalidade, das pessoas inscritas por este motivo subiu continuamente até ao final de Janeiro mas tem vindo a diminuir desde então. O mesmo comportamento foi verificado na evolução das inscrições de pessoas que perderam o seu emprego por se terem despedido. Por sua vez, o número, corrigido da sazonalidade, de pessoas inscritas que tinham sido despedidas, que constitui o segundo motivo mais importante das inscrições, estabilizou entre Janeiro e Maio, depois de ter aumentado durante o segundo semestre de 1998.

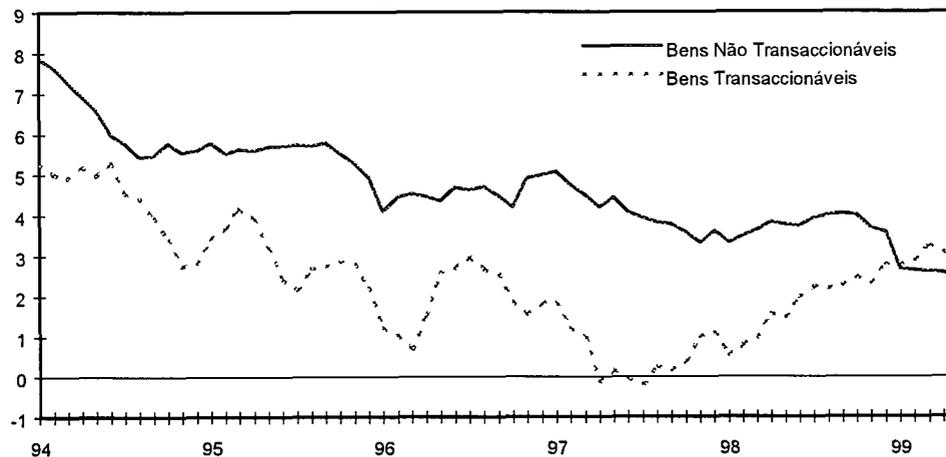
A evolução anualizada dos salários contratados situou-se em 3,6 por cento durante o trimestre terminado em Maio. A evolução anualizada acelerou durante os trimestres terminados em Abril e Maio, devido ao contrato realizado em Abril com os trabalhadores da construção civil, que abrangeu 206 mil trabalhadores e onde se consagraram subidas nominais anualizadas de 4,1 por cento.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Mar.99	Abr.99	Mai.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	2.1	2.7	3.1	3.1	2.8	3.0	2.8	2.3
Índice Harmonizado	1.4	2.3	2.4	2.7	2.7	2.8	2.7	2.1
Indicador de Inflação Subjacente	1.7	2.1	2.2	2.3	2.3	2.2	2.3	2.3
Índice Transaccionáveis	0.8	1.7	2.2	2.5	3.0	3.3	3.1	2.2
Não Alimentares	0.2	1.1	1.5	1.9	2.5	2.5	2.3	2.0
Índice Não Transaccionáveis	3.5	3.8	4.0	3.8	2.6	2.6	2.6	2.5
Índice Bens	0.9	1.8	2.3	2.4	2.3	2.5	2.4	1.6
Índice Serviços	4.6	4.8	4.9	4.7	3.9	3.9	3.8	3.8
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	-2.7	-2.7	-5.6	-7.8	-6.4	-6.4	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.5	2.0	1.1	0.2	-0.3	-0.3	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	7	5	4	-1	-1	-1	2	5
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-3.8	-2.2	0.3	0.9	-	-	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-3.8	-2.9	-1.3	-0.1	0.9	1.2	1.3	0.6
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-10.6	-6.1	1.4	5.1	4.2	1.5	-0.7	-3.7

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação desceu entre Abril e Maio, convergindo com o indicador da inflação subjacente. Os bens alimentares forneceram a maior contribuição para a descida da inflação, embora os preços do vestuário e do calçado tivessem também evoluído de uma forma mais moderada do que em meses anteriores.

A percentagem de variação homóloga mensal do índice de preços no consumidor baixou de 2,8 por cento em Abril para 2,3 por cento em Maio. No mesmo sentido evoluiu neste período a percentagem de variação homóloga mensal do índice de preços harmonizado, que desceu de 2,7 por cento para 2,1 por cento. Deste modo, a inflação portuguesa diminuiu o seu diferencial para a média comunitária, quer se considerem os índices de preços nacionais quer se considerem os índices harmonizados. No caso dos índices nacionais, a variação homóloga mensal no conjunto da UE foi de 1,3 por cento em Abril, devendo ter descido para 1,1 por cento em Maio.

A descida da inflação ficou, essencialmente, a dever-se ao facto dos preços de alguns dos bens alimentares caracterizados por comportamentos anómalos, com destaque para as "féculas e amidos", terem apresentado em Abril níveis mais "normais". De facto, o indicador da inflação subjacente manteve uma evolução relativamente estável, em torno de 2,3 por cento, à semelhança do verificado desde o início do segundo semestre do ano passado.

Para além de alguns bens alimentares, também os preços da classe do "vestuário e calçado" registaram em Maio uma evolução mais fraca, tendo a sua variação homóloga mensal descido para um valor negativo 0,1 por cento, contra uma subida homóloga de 0,8 por cento no mês anterior.

É de salientar que alguns bens alimentares e bebidas mantiveram evoluções muito intensas, casos do peixe, do azeite, das frutas e do vinho, que poderão futuramente vir a atenuar-se, sobretudo no que diz respeito aos produtos agrícolas.

A análise por tipo de produtos revela que, de Abril para Maio, a variação homóloga mensal dos preços dos

bens desceu de 2,4 por cento para 1,6 por cento, enquanto a dos serviços estabilizava em 3,8 por cento.

Considerando os bens e serviços agrupados em transaccionáveis e não transaccionáveis, verifica-se que a inflação dos primeiros desceu, no período em análise, de 3,1 por cento para 2,2 por cento enquanto a dos não transaccionáveis baixava de 2,6 por cento para 2,5 por cento.

A componente alimentar foi a que mais desceu entre os transaccionáveis, tendo a inflação da componente não alimentar destes produtos descido de 2,3 por cento para 2 por cento.

Por sua vez, os preços de venda à saída da fábrica na indústria transformadora continuaram a registar uma variação homóloga negativa, de 6,4 por cento durante o primeiro trimestre de 1999, ainda que um pouco menos intensa do que em meses anteriores. Retirando a componente mais volátil deste indicador, constituída pelos preços dos bens alimentares e dos derivados de petróleo, verifica-se que os preços à saída da fábrica dos restantes bens apresentaram uma diminuição homóloga de 0,3 por cento no mesmo período, prosseguindo a tendência de desaceleração dos meses anteriores. As expectativas dos empresários da indústria transformadora sugerem que a evolução desta tendência de fundo dos preços à saída da fábrica terá estabilizado entre Março e Maio.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1990=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índices (1995=100) de Produção da Indústria Transformadora, de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrogal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação) em Euros. Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e índices), Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina. Fonte: Petrogal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras em Euros. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE (importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1995=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,

Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso. Fonte: INE;

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em Euros) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação (1996=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações Editadas pelo INE

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920\$00	160\$00	5.040\$00	420\$00	9.300\$00	775\$00
2	1.020\$00	85\$00	2.520\$00	210\$00	4.080\$00	340\$00
3	340\$00	85\$00	840\$00	210\$00	1.360\$50	340\$00
4	170\$00	85\$00	420\$00	210\$00	680\$00	340\$00
5	285\$00	285\$00	765\$00	765\$00	1.480\$00	1.480\$00
6	560\$00	560\$00	1.325\$00	1.325\$00	2.600\$00	2.600\$00
7	900\$00	300\$00	2.295\$00	765\$00	4.440\$00	1.480\$00

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Nomenclatura Combinada - Comércio Internacional 1999	7.700\$00		
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1998	3.600\$00		
Índices de Produção Industrial - Metodologia e Séries Retrospectivas (1995-1998)	1.690\$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS			
Anuário Estatístico de Portugal 1997	10.200\$00	8.160\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1999 (x 12)	2.400\$00	23.000\$00	1
Portugal em Números 1997	Gratuito		
POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997	3.800\$00	3.000\$00	5
Série Estimativas Provisórias N.º 27	3.690\$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000\$00		
Estatísticas da Protecção Social 1997	2.160\$00	1.730\$00	5
Estatísticas da Saúde 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Estatísticas Demográficas 1997	6.730\$00	5.380\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000\$00	2.400\$00	5
Estatísticas do Emprego 1999 (Trimestral)	1.300\$00	4.200\$00	3
Associações Culturais e Recreativas 1995	1.500\$00		
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA			
Estatísticas da Pesca 1998	3.000\$00	2.400\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1997	4.210\$00	3.370\$00	5
Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 1997	4.200\$00		
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1998	1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240\$00	2.300\$00	2
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1997	4.300\$00	3.400\$00	5
Estatísticas das Empresas - Agricultura e Indústria 1996	2.700\$00	2.160\$00	5
Índices de Produção Industrial 1999	230\$00	2.200\$00	2
Estatísticas das Empresas - Construção 1996	1.180\$00	940\$00	5
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	660\$00	6.200\$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1999	430\$00	4.100\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1999	380\$00	3.600\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720\$00	6.900\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300\$00	2.900\$00	2
COMÉRCIO INTERNACIONAL			
Comércio Internacional 1999	880\$00	8.500\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio ExtraComunitário 1999	700\$00	6.700\$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS			
Estatísticas do Turismo 1997	4.440\$00	3.550\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997	6.300\$00	5.040\$00	6
Estatísticas das Empresas - Comércio e Outros Serviços 1996	9.000\$00	7.200\$00	6
Estatísticas dos Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997	1.130\$00	900\$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1999	190\$00	1.800\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300\$00	12.500\$00	2
ECONOMIA E FINANÇAS			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070\$00	2.460\$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00		
Estatísticas das Administrações Públicas 1997	2.300\$00	1.800\$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1997	5.500\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995	3.750\$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400\$00	13.400\$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480\$00	4.600\$00	2
ESTATÍSTICAS REGIONAIS			
Contas Regionais 1990-1994	3.000\$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1997	5.820\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)	600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600\$00	5.800\$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1998	4.000\$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.600\$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1997	4.650\$00		
Os Municípios do Algarve 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1997	6.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997	4.140\$00		
ESTUDOS			
Revista de Estatística 1999 (quadrimestral)	2.500\$00	6.000\$00	7



* C J 0 7 9 9 0 5 *